ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A LEITURA NO INÍCIO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Aparecida Souza Ferreira

F383l

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº. 5914
Data 26/01/00

Pontes e Lacerda
novembro-1999

Turma 1999/1 Ex.01

APARECIDA DÉ SOUZA FERREIRA

A LEITURA NO INÍCIO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Ensaio monográfico apresentado para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras, junto ao Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT.

Pontes e Lacerda-MT

Novembro-1999

"O principal objetivo da educação é criar homens capazes de fazer coisas novas, não simplesmente de repetir o que outras gerações fizeram-homens criativos, inventivos, descobridores".

Jean Piaget

DEDICATÓRIA

A MEU MARIDO: Marcos da Costa de Jesus,

A MINHA FILHA: Rayane Thaisa Ferreira de Jesus

Por serem pessoas especiais, que estiveram ao meu lado, sempre demonstrando enorme compreensão, e que mesmo diante de minhas ausências sempre souberam superá-las e continuaram me apoiando, incentivando-me em todos os momentos desta trajetória.

A MINHA IRMÃ: Maria Lúcia de Souza

Dedico também este trabalho a você, que sempre procurou estar do meu lado dando-me apoio e força, desde a escolha do tema ao fornecimento de materiais para a realização desta pesquisa.

E, ao meu **bebê**, ainda em formação,que está junto de mim finalizando este trabalho, trabalho este que trouxe-me bagagens para um melhor entendimento do ser criança.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar a **Deus**, pela força que me concedeu, pela coragem que me transmitiu, permitindo superar os obstáculos.

A MEUS QUERIDOS PAIS

"Fazemos de nossa conquista o instrumento de gratidão e reconhecimento por tudo quanto recebemos de vocês, nossos queridos pais".

A TODA MINHA FAMÍLIA, EM ESPECIAL A MINHA IRMÃ *Maria Lúcia*

A vocês, estendo os meus agradecimentos, pois são pessoas que sempre procuraram estar ao meu lado dando-me o apoio que precisava.

A TODOS OS AMIGOS DO CURSO:

"Amigo é coisa pra se guardar

No lado esquerdo do peito

Mesmo que o tempo e a distância

Digam não

Mesmo esquecendo a canção

O que importa é ouvir

A voz que vem do coração".

Milton Nascimento

A ORIENTADORA

A minha orientadora, professora *Marlene Flores*, que com paciência acompanhou e incentivou todos os passos deste trabalho, sendo sua presença e seus depoimentos fundamentais.

E AOS DEMAIS PROFESSORES

"O meu carinho a vocês, que prosseguem a luta diária da formação de nossos profissionais".

SUMÁRIO

Apresentação----------07

Fundamentação Teórica----------10

Que leituras fazem as crianças no início do processo de alfabetização?---------- 19

Considerações finais----------31

Referências bibliográficas----------33

Anexos----------36

APRESENTAÇÃO

"A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele".

Martins

Este trabalho tem como tema a leitura no processo de alfabetização, no qual procurei analisar o tipo de leitura trabalhada com a criança no inicio deste processo.

Geralmente quando se fala em leitura, logo se imagina no ato de decodificação da escrita, onde bastará a criança saber decifrar palavras para aprender ler. E neste aspecto ler é visto como algo bastante mecânico, em que a leitura passa a ser uma aprendizagem a que não se tem acesso naturalmente, pois é resultado de uma série de exercícios repetitivos e decorados, para os quais a criança é treinada, ou melhor a leitura deixa de ser um ato de liberdade para tornar-se cumprimento de tarefas.

Ler é muito mais que isto, vai além do texto e começa antes mesmo do contato com ele, pois não basta aprender decifrar palavras, é preciso compreendê-las, em que acredita-se que aprender ler significa aprender ler o mundo, dando-lhe sentidos.

A leitura em sua amplitude deve ser compreendida como um processo contínuo, que se inicia desde a infância e prolonga pelo resto da vida, não devendo de maneira nenhuma ser restrita apenas à escola.

Embasada em várias leituras, percebe-se que muitos pesquisadores consideram "a leitura como um processo, no qual o leitor participa com uma aptidão que não depende basicamente de sua capacidade de decifrar sinais, mas sim de sua capacidade de dar sentidos a eles, compreendê-los" (Martins, 1994..32).

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Por isso preocupada com a problemática que envolve a formação de leitores, propus analisar a proposta de leitura no início do processo de alfabetização e as oportunidades de leituras oferecidas.

Para tanto fez-se necessário aprofundar meus estudos a respeito da construção da leitura, verificando que materiais de leitura eram utilizados em classes de alfabetização, visto que inúmeros teóricos levantam críticas a respeito das cartilhas como único meio para a formação do que chamamos "leitores".

O interesse por tal temática surgiu durante o Curso de Letras em que diversas vezes fora salientado que a "leitura" não é apenas a decodificação de letras, mas sim "um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas não importando por meio de que linguagem" (Martins,1994. 30), e que a mesma assume uma importante contribuição para a formação de qualquer cidadão. E, também pelo motivo de estar envolvida em trabalhos práticos em uma escola da rede pública, na qual pude verificar que nem sempre essa questão recebe a atenção devida. Senti então a necessidade de aprofundar-me no assunto buscando decifra-lo detalhadamente, pois acredito que embora a leitura seja concebida pelos educadores como algo primordial, na prática não assume tal importância, pois os mesmos, às vezes alegam a falta de material para desenvolver tal atividade.

Inicialmente enfrentei algumas dificuldades para delimitação do tema, por se tratar de um assunto abrangente, mas por outro lado acredito ter sido favorecida devido a vasta bibliografia existente na área e, com discussões bastante atuais e muito interessantes. Consciente do meu objetivo, parti então para o fichamento de algumas obras. Utilizei também a técnica de observação e coleta de dados, tanto em fontes

bibliográficas, quanto em aulas observadas. Meios pelos quais foram subsídios necessários para a realização da pesquisa.

Procurei ao longo deste trabalho, desenvolver uma pesquisa que poderá servir como alternativa viável para auxiliar profissionais da área, interessados em desenvolver trabalhos inovadores, buscando despertar o interesse e o gosto de seus alunos pela leitura no início do processo de alfabetização, por acreditar ser a base de uma vida toda pela frente. Cagliari vem afirmar:

> O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa[1].

Pela consciência que tenho de minhas limitações sobre o assunto e pelo fator tempo para a execução deste trabalho, em momento algum pretendi esgotá-lo e sim contribuir com alguns elementos a mais sobre o tema, os quais poderão servir de início a novos estudos principalmente aos professores que atuam na área e que estejam interessados no assunto.

---

[1] CAGLIARI, Luiz Carlos. Al;fabetização & Lingüística. - p. 148 – Scipione: São Paulo, 992.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

> "... a leitura é um grande auxiliar da reflexão, da meditação, do voltar-se para dentro de si".
>
> Cagliari

Sendo meu objetivo analisar a leitura trabalhada com a criança no início do processo de alfabetização, faz-se necessário explanar alguns conceitos teóricos que estarei operando para análise do corpus em questão.

O homem ao nascer traz consigo traços de sua personalidade, de sua maneira de agir e pensar, mas nem por isso "ele se deline como um sistema orgânico", devido a participação em grupos que ocorre desde o seu nascimento e as trocas entre os indivíduos o que acrescentará muito, além de sua vontade própria, a qual também poderá ser influenciada no contato com seus grupos. Segundo Pino "... o homem ao nascer não se deline como um sistema orgânico, apesar de ter no organismo o suporte de sua atividade- mas sim como sujeito constituído pela linguagem" (Pino, 1991).

Ao contrário dos animais que se situa na ordem do biológico, o ser humano se situa na ordem do simbólico (criando signos lingüisticos) ao nascer, não tem os instintos desenvolvidos e preparados para enfrentar sua vida. É na interação com os outros que o ser humano, ainda bebê, satisfaz suas necessidades físicas e psicológicas como receber alimentação e amor.

É através desse convívio que a criança aprende a se comunicar, organizar seus pensamentos e ampliar suas formas de lidar com o mundo.Com erros e acertos, juntos de seres semelhantes nas realizações de atividades que ela desenvolverá e constituirá suas próprias características e consciência de sua realidade.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Portanto, a identidade é formada a partir da soma de relações, que vão acontecendo com outros seres, com os quais presencia, constantemente sentimentos diferenciados. É através dessas relações que irá constituir o "eu" de cada ser.

Para que ocorra essa interação faz-se necessário que o ser humano viva em grupos. Essa relação permitirá um crescimento interior, que é repetida a cada ação realizada, a cada gesto ou falas de outras pessoas, que vai se internalizando, isto é, *o se* constituindo de cada um.

As histórias das relações humanas eram antes explicadas por duas vertentes, o Intelectualismo e o Empirismo, até o surgimento do construtivismo com Jean Piaget.

Para o Intelectualismo os homens falam porque pensam, partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelo indivíduo e não pelo meio. Nesta teoria a linguagem é expressão do pensamento, pois vêem a linguagem como fator puro da inteligência, ou seja , a forma de pensar do homem, seus valores e sua personalidade já nascem com ele, e o seu desenvolvimento intelectual é espontâneo, não depende muito das oportunidades que lhe são oferecidas, ou melhor, o ser humano já nasce com a inteligência pré – moldada. Já no Empirismo acredita – se que todo conhecimento é adquirido através das experiências com o mundo. Esta vertente Empírica defende a linguagem como conjunto de imagens corporais e mentais, formado por associação e repetição, ou seja o que provocaria o desenvolvimento da inteligência é o exterior, o meio onde a criança cresceria.

Essas duas correntes teóricas acima discorridas, são chamadas de reducionistas, pois ambas acreditam que o desenvolvimento intelectual do homem se dá ou pela ação do indivíduo ou pela força do meio em que vive.

Com Piaget surge a corrente teórica *Construtivista*, na qual o sujeito que aprende é considerado um ser ativo, pois sua ação permite a construção de seu saber. Nasce

então com Piaget a idéia da interação entre sujeito e realidade (Interacionismo) originando-se daí o conhecimento, em que acredita que para a construção do conhecimento, faz–se necessário que o sujeito esteja em contato direto com o objeto. Com o avanço nas pesquisas veio a tona as idéias de outros pesquisadores que confrontados com a teoria Piagetiana fez emergir o que convencionou – se Construtivismo Pós – piagetiana. Assim a incorporação dos trabalhos de Vygotsky trouxe nova ênfase aos aspectos sociais do desenvolvimento. Sua obra é hoje princípio de aspiração do Socioconstrutivismo.

Embora seus estudos não tenham sido elaborados com finalidades pedagógicas, hoje muitas de suas idéias vêm sendo discutidas no âmbito educacional. E, uma de suas idéias é que *o ser humano desde o berço vive rodeado por seus pares em um ambiente impregnado pela cultura*, em que defende que *o próprio desenvolvimento da inteligência é produto dessa convivência.*.

Vygotsky acredita que através da linguagem o indivíduo articula o pensamento, e essa relação entre pensamento e linguagem é o fundamento principal para se pensar na interação entre sujeitos. Ele ainda coloca um outro elemento que confirma que a linguagem é sócia – histórica, é a relação entre sujeitos: falante/ mundo e linguagem/ dialética que *nos* construímos sócio historicamente, acreditando porém, que *na ausência do outro, o homem não se constrói homem*. Segundo ele o homem realiza sua mediação com o ambiente por meio de instrumentos de signos, que são criados pela sociedade ao longo do curso da história humana, signos estes internalizados por ele, o que provocaria mudanças a forma social e o nível de seu desenvolvimento.

Segundo Vygotsky todo sujeito, seja ele falante ou ouvinte, ocupa um lugar na sociedade e, esta vivência é essencial para sua transformação, não existindo indivíduo e sim sujeito social. É através destas relações com outras pessoas que construímos os

conhecimentos, os quais irão permitir o desenvolvimento mental do indivíduo. Para a concepção Vygotskyana "o meio para o ser humano é sempre revestido de significados culturais".

As concepções do desenvolvimento intelectual Piagetiana e Vygotskyana ambas são construtivistas segundo Maria Teresa (Revista nova escola), pois "sustentam que a inteligência é construída a partir das relações recíprocas do homem com o meio". Há uma divergência entre ambas no que tange à seqüência dos processos da aprendizagem e de desenvolvimento mental.

Para o teórico Vygotsky é através da aprendizagem que ocorre o desenvolvimento mental, já para Piaget é através do desenvolvimento mental que tornamos capazes de aprender.

E, para tornarmos capazes de aprender faz-se necessário que os educadores estejam preocupados com o desenvolvimento de uma educação voltada para a formação do sujeito, sendo preciso a presença constante de um professor que desafiem a criança, levando-a a produzir seu próprio conhecimento, fazendo um elo de ligação com o já conhecido, e não deixá-la sem orientação, livre para que faça o que quiser e sim provocar situações problemas, onde ela tenha que questionar e ser questionada, pesquisar, trocar idéias com os colegas e professor, criar hipóteses e tentar utiliza-las da maneira que lhe convier, proporcionando as mesmas condições para que conquiste aos poucos sua autonomia através também das leis de reciprocidade criadas nas interações com o meio.

Este processo de construção dessas aprendizagens se dá nos grupos, através da socialização dos conhecimentos, onde cada componente é enriquecido e enriquece com sua contribuição e com a participação ativa do professor, devendo o mesmo estar comprometido com a formação de leitores críticos.

Não basta aprender a ler, é preciso compreender. Sobretudo deve haver um compromisso entre a concepção de leitura já existente e a outra, muito mais eficiente, compatível e eficaz a ser conquistada.

Desde Antigüidade entre os gregos e os romanos, o ato de ler e escrever tinha como objetivo fornecer uma educação adequada ao preparo físico, afetivo e social do indivíduo. Eram habilidades adquiridas por poucos e seu aprendizado era muito rígido.

Por muito tempo ler e escrever foi restrito a uma elite pensante, em que a maioria da população se mantinha ausente a esse processo sem que na vida isso causasse grandes prejuízos, pois o ambiente em que viviam não lhes solicitavam tal habilidade.

Com o grande desenvolvimento tecnológico, ler e escrever passaram ser de grande valia no mercado profissional. E, com a utilização de máquinas e não mais com o trabalho artesanato, o trabalhador passou a ver na escola, sobretudo na leitura e na escrita, a ferramenta necessária para a valorização do seu trabalho e a conseqüente ascensão social, objetivando assim melhorar sua qualidade de vida.

Por estarmos hoje na época da escrita, percebe-se que para desempenharmos uma determinada tarefa com êxito, faz-se necessário recorrermos a leitura. Quer se trate de tarefas profissionais, da vida quotidiana ou lazer, é necessário, antes de tudo, ler e consequentemente escrever.

Tendo suas pesquisas baseadas na perspectiva piagetiana de construção do conhecimento, Ferreiro e Teberosky acreditam que a leitura e a escrita também passam por um processo de desenvolvimento que compõem a evolução cognitiva.

Então, fundamentada nestes pressupostos pode-se afirmar que a aprendizagem da leitura inicia-se bem antes da criança entrar na escola, pois desde o seu nascimento e durante seus primeiros anos de vida,a criança encontra-se em interação com diferentes

sujeitos, adultos e outras crianças, o que vai lhe permitindo atribuir significados a diferentes ações, diálogos e vivências. É nessa relação com os outros e com o mundo que a criança aprende a ler o mundo e a internalizá-lo.

Mesmo em menor escala, as experiências de todas as crianças antes do período escolar com materiais escritos, desencadeiam nas mesmas experiências, questionamentos sobre a natureza dos materiais e o conteúdo que os mesmos contém. Este contato informal das crianças com a leitura são momentos de uma grande e rica aprendizagem, porque está carregado de significados.

Neste ensino informal, é possibilitada a criança através da família uma aproximação gradativa com a linguagem, a qual ela passa a utilizar mesmo sem dominar a complexidade do código. É relevante destacar ainda que sempre que a oralidade é ensinada a alguém, isto se dá em contexto significativo que permite a criança a construção de todas as relações possíveis para sua futura utilizações.

E são estas experiências que compõe o repertório individual de cada criança contribuindo para o seu desenvolvimento e desempenho escolar em todas as situações, inclusive na aquisição de leitura, permitindo que a mesma elabore hipóteses acerca do que seja ler e escrever, passando por uma trajetória onde possa construir idéias próprias para ler as marcas gráficas que visualizam em seu mundo.

Para que a criança prossiga na evolução do processo de aquisição da leitura e da escrita, faz-se necessário que ela esteja vinculada a um ambiente alfabetizador, que é *um espaço rico em coisas escritas e de atos de leituras e escritas, onde muitas atividades interessantes e significativas tenham lugar*. São estes conjuntos de materiais disponíveis às crianças que farão com que se relacionem com o mundo das letras, o que permitirá as mesmas a repensarem suas construções.

Um ambiente alfabetizador propicia a criança à troca de informações e relacionamento de conceitos com as outras crianças, pois estarão agrupadas e terão liberdade e oportunidade de expressão, cabendo então, nesta etapa de desenvolvimento infantil, o interesse da família e da sociedade em promover o início da alfabetização, pois esse é um momento decisivo e delicado que poderá ser o responsável pela formação de *leitores* ou *decodificadores*, dependendo do encaminhamento e dos meios utilizados.

Essa fase de reconhecimento e compreensão da realidade, por ser caracterizada com uma pré- leitura, é essencial e indispensável. É uma etapa muito importante e que deve ser respeitada, pois do contrário estarão sendo formados meros decifradores do código escrito e não verdadeiros leitores. É desse conhecimento que o aluno já tem e traz consigo para a escola que dependerá a formação de um leitor ativo e consciente, capaz de ler, compreender e criar,ou melhor, *leitor* em toda a extensão da palavra.

Nessa perspectiva, a leitura é vista como uma continuidade do processo natural de desenvolvimento do ser humana e não como algo isolado que só se torna possível a partir da escola. Mesmo porque não se ensina ninguém a ler, apenas se amplia essa capacidade inerente ao ser humano. Martins diz: " ... ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo". (MARTINS,1994: 12)

Na concepção de Ferreiro, a criança para compreender a leitura e a escrita, passa por níveis denominados de: pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético. É nesse processo de construção que a criança irá desenvolver suas hipóteses, as quais vão-se desenrolando quando a criança começa a testá-las, confrontando-as com outras formas de escrita e leitura para poder reformular suas construções.

Para realizar suas leituras e escritas, as crianças estabelecem as primeiras convenções, as que só se pode ler ou escrever através de desenhos e que os sinais gráficos não significam nada. Em seguida passam a fazer a relação desenho- letra, pois nas suas escritas fazem referências das letras para com o objeto, ocorrendo assim uma leitura interpretativa.

A criança nesse momento passa a representar as "letras" que formam um conjunto de diferentes sinais, e seqüenciados que muitas vezes assemelham-se com letras e números ou traços como pauzinhos e bolinhas.

Neste período a criança não estabelece critérios para a utilização das letras, e sim tenta vincular a palavra ao objeto que ela representa, onde o tamanho do objeto tem influência no tamanho da palavra. Cagliari acredita que no processo de alfabetização faz-se necessário " o processo de compreensão do funcionamento do sistema de escrita" (Moll, 1996)

Acreditando que a aprendizagem é um processo , a criança após este período discorrido acima passa a utilizar –se de outros recursos , os quais possibilitam diferenciar suas produções , o que Ferreiro chama de superação dos *aspectos interfigurais* para a elaboração de *modos de diferenciação*, fazendo-se necessário diferenciar uma escrita da outra, para garantir diferentes interpretações e começar a variar a quantidade de letras e sua posição dentro da escrita.

A partir do momento que a criança passa a pensar e experimentar a evolução do processo da escrita e leitura, ela começa a criar novas hipóteses , pois percebe que não consegue explicar como se escreve e se lê com as formas que utilizava, ocorrendo neste período o confronto com as hipóteses já construídas anteriormente.

A criança a partir de então começa a relacionar escrita-fala, em que vincula som com grafia , onde passa a representar uma letra para cada sílaba, o que Ferreiro chama

de "nível silábico", em que através da representação sonora começará a escrever monossílabas ou mesmo dissílaba, que terão apenas duas letras, mas com valor interpretativo.

Já num dado momento, o qual é classificado por Ferreiro por período *silábico-alfabético* que as crianças vão descobrindo que as sílabas não são únicas , mas sim junções de letras onde não basta uma letra para cada sílaba, entrando em conflito com a quantidade de letras necessárias para a construção das palavras . É neste nível no qual a criança se encontra que enfrentará problemas com a forma convencional da língua.

Atingindo o nível alfabético , não significa que a criança tenha dominado todas as formas convencionais da língua entre a estrutura da linguagem oral e da escrita .Ela apenas alcançou um estágio maior e que precisa continuar se desenvolvendo.

Não é de um dia para o outro que a criança se transformará em um leitor ou escritor, existe todo um processo de desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, em relação àquilo que ela já conhece, neste sentido existe um tempo necessário para que incorpore e concretize novos conhecimentos. Entende-se também que a criança utiliza estratégias próprias de aprendizagem que facilitam suas aquisições, sendo portanto um processo individual, impossível de ser nivelado.

Falar em formar verdadeiros *leitores* é pensar na hipótese de despertar o interesse e a busca da criança quanto ao universo da leitura, promovendo uma aproximação prazerosa e contextualizada com livros e outras fontes de leitura.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

QUE LEITURAS FAZEM AS CRIANÇAS NO INÍCIO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO ?

> "... as regras para adormecer lendo são mais fáceis de seguir do que as regras para ficar acordado enquanto se lê... conseguir ficar acordado, ou não, depende em grande parte da meta visada na leitura".
>
> Martins

Para podermos entender melhor *o como é trabalhada a leitura no início do processo de alfabetização e em que medida ela contribui ou não para a formação de leitores,* foi realizada uma pesquisa junto às aulas do CBA-I, buscando conhecer melhor essa realidade.

Devido ao fato de estar inserida no contexto como professora da escola analisada, optei por uma pesquisa participante, utilizando se da observação como instrumento de coleta de dados e de informações, procurando ter conhecimento da forma como estão sendo desenvolvido o processo de aquisição da leitura, interligados a formação do leitor.

Desta forma mostrarei como se deu a análise do corpus deste trabalho. Primeiramente estarei descrevendo como se procederam as aulas e depois partirei para a análise da mesma, buscando relacioná-las com os conhecimentos teóricos já explicitados.

Por considerar a leitura uma habilidade importante para o indivíduo, sendo a mesma fonte de conhecimento e informação, procurei saber como a escola está se posicionando perante a mesma no momento de aprendizagem. Quais as finalidades e os aspectos que ela incorpora durante o início do processo de alfabetização? Será restrita a

Campus Universitário de Cáceres - MT
BIBLIOTECA

decodificação de sinais gráficos ou está voltada para a compreensão do texto, buscando o significado do mesmo?

Durante a observação os objetivos delimitaram-se-a verificar os tipos de materiais de leitura que são utilizados em classes de alfabetização. E, como estas leituras são vivenciadas pelas crianças, ou melhor, quais as oportunidades criadas pelas professores e como os mesmas organizam o acesso a estes materiais.

Por acreditar que são os diferentes tipos de textos que irão contribuir para o desenvolvimento e potencialidade do leitor crítico, sabendo interpretar o contexto e reconhecer as idéias principais, em que se o acesso a estes materiais for restrito à cartilha e tiver a leitura como pretexto, a criança tornar-se-á uma decodificadora de símbolos, alfabetizada para desenvolver uma leitura de palavras em palavras o que dificulta a compreensão do texto.

Então definido o objeto de estudo e delimitado o campo para coleta de dados (uma escola da rede pública, na cidade de Pontes e Lacerda,MT) fez-se necessário inserir no ambiente do CBA-I, para observar a sua rotina, sendo esta a maior fonte de informações, procurando vivenciar diferentes momentos que compõem o conjunto de procedimentos desenvolvidos dentro das salas de aula. E, por estar infiltrada neste ambiente em contato direto com os educadores, procurei observar a prática dos mesmos durante as atividades de planejamento, os comentários e posicionamento em relação às questões aqui focalizadas.

A princípio a presença de uma outra pessoa dentro da sala de aula, deixou o professor um pouco preocupado com a forma que a observadora analisaria o contexto. O professor deu-se início a aula lendo um pequeno texto retirado de um "livro didático", que tinha como título "A galinha", (em anexo), em seguida fez algumas perguntas a

respeito do mesmo, como: Como era a galinha (a cor)?; E o galo?; O que a galinha usava?; E o galo?...

Dando continuidade a sua aula, o professor reescreve o mesmo texto "A galinha" na lousa,os alunos copiam e partem para a chamada "interpretação de texto" ocorrendo assim a mesma interpretação ocorrida após a leitura do texto, chamada como "interpretação oral". (Anexo I) . E assim são encaminhadas outras atividades, que variam entre ditados, separe sílabas e produção de texto (anexoII), além de ter um tempo para a chamada "leitura", onde cada aluno se dirige a mesa do professor para "dar a leitura".

Os exercícios são reproduções mecânicas com ênfase nas copias e ortografias, anulando toda e qualquer forma de expressão gráfica, que não seja aquela que o professor reproduz na lousa mesmo que a criança esteja construindo o processo da leitura e escrita. Cagliari (1992,169) menciona que "muito me admira a paciência que as crianças têm com a escola!..." , pois consideram-nas como receptoras de conhecimentos estranhos e cansativos.

Não tem uma cartilha definida, são usadas várias. Dos vários momentos presenciados descrevi uma situação que caracteriza como a leitura é trabalhada no início do processo de alfabetização. Inicia-se pela transcrição de um texto para o quadro onde os alunos reproduzem os sinais gráficos no caderno, realizam a leitura (às vezes até em coro) de decodificação e para a interpretação respondem a questionário composto por perguntas previsíveis, retirando fragmentos do texto onde todas as respostas são iguais. E mesmo quando se pensa em leitura no nível de "projeto de leitura", pensa-se apenas na decodificação de sinais gráficos, pois aqui também são utilizados como material para suporte da leitura, fichas de textos que poderiam se caracterizar em um meio alternativo para fornecer informações e ampliar o vocabulário da criança, pois seria uma

oportunidade de apresentar vários tipos de textos como poesia, narrativas, mensagens de jornais e revistas, rótulos, etc., com uma variedade de conhecimentos e estrutura associando a linguagem da criança com a da escola.

Todavia, a forma com que essas fichas são confeccionadas e os procedimentos limitados a recortes de cartilhas velhas, apenas reproduzem o mesmo suporte de texto já conhecido.

Por trás desta prática encontra-se a teoria que sustenta o trabalho do professor que acredita que o sistema alfabético de escrita é o único possível, e para que há o entendimento da criança, basta mostrar-lhe que as palavras são formadas de silabas e as silabas de letras que agrupadas formam novas palavras.

Seguindo este raciocínio, aprender é memorizar, cabendo ao aprendiz relacionar cada grafia ao seu valor sonoro convencional e ao professor repetir tantas vezes forem preciso para que ocorra a aquisição deste conhecimento.

Pegando como base este raciocínio, faz-se necessário a seguinte reflexão: Como pode um aluno conseguir ler qualquer texto antes mesmo do professor trabalhar todas as famílias silábicas que trazem as cartilhas?

Os dados acima apresentados, demonstram que a maioria das salas de aula estão longe de serem espaços ricos em materiais escritos que deveriam ser. Ainda não há a preocupação de proporcionar o contato das crianças com a multiplicidade de textos para que a mesma possa confrontar suas suposições a cerca do que seja ler e escrever, fornecendo-lhes oportunidades de leituras significativas, onde as experiências vivenciadas em seu mundo, adentram as classes de alfabetização, mostrando as inúmeras fontes de informações e conhecimentos, que são bem mais interessantes que os textos ensinados pela cartilha.

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Oferecendo a criança um amplo universo de leituras dá oportunidades para que ela adquira uma visão geral do texto, e que a leitura seja autônoma, desprendida dos sinais gráficos para ganhar liberdade de interpretação.

> No mundo em que vivemos é muito mais importante ler do que escrever. Muitas pessoas alfabetizadas vivem praticamente sem escrever, mas não sem ler. Ainda mais: há muitos analfabetos de escrita que não são analfabetos de leitura[2].

Num depoimento da professora Maria Bezerra, publicada na revista Nova Escola (1996:10) deixa claro a distância existente entre o trabalho e a realidade do aluno. A professora relata que tinha um aluno repetente que sempre trazia jornais velhos para perguntar o que estava escrito. A professora dizia a este aluno que primeiro ele deveria aprender o ma me mi mo um , para depois querer ler o que havia em outros lugares. Este fato repetiu se por mais vezes, e numa dessas vezes o menino trouxe lhe um pedaço de out-door onde estava escrito, *aluga se*. Quando a professora resolveu ouvir o menino é que se deu conta da sua prática pedagógica, prática esta que não tinha nada a ver com a realidade de seu alunado, e representadas por diferentes tipos de escritas, pois este lhe disse: *Eu moro num barraco de caixote todo escrito. Quero ler tudo, mas lá não tem ma me mi mo um, nem nada do que a senhora ensina.*

Neste episódio é destacada a importância do trabalho com diferentes tipos de texto, o que vem sendo colocado pela maioria dos teóricos que se preocupam com o desenvolvimento da leitura e escrita, acreditando que para a criança se interessar pela *leitura e escrita*, tem que conhecer sua funcionalidade social, saber que as escritas estão presentes em todos os lugares e representadas por diferentes formas para serem lidas . Sendo de suma importância também levar em conta a vivência de mundo do aluno.

---

[2] CAGLIARI, 1992. op. cit. p. 168.

Partindo do ponto de vista do adulto alfabetizado, em destaque *o professor,* é que a alfabetização inicia se na escola. E, por isso do ponto de vista de quem ensina, o melhor é estabelecer normas e seqüências padronizadas, iniciando pelas estruturas consideradas fáceis e depois as consideradas difíceis, levando os profissionais da área a acreditarem que a cartilha seja o único meio de se trabalhar a leitura, meio este que fazem parte de sua formação, onde s'~ao encontrados textos sem contextos e que dificilmente são encontrados em outros lugares, pois a pretensão é a de garantir a seqüência silábica em que a leitura e a escrita restringem a fragmentos de palavras até então ensinadas.

A cartilha ao invés de garantirem elos entre a criança e o prazer pela leitura, acaba distanciando – a, pois seus textos são recortes de palavras que impossibilitam leituras de quaisquer outros tipos de textos. Sendo seus textos formados por pedaços de frases isoladas do contexto, onde cada linha representa um significado não dando seqüência cronológica e textual no desfecho de uma temática. Cagliari diz:"Encontra – se muitas cartilhas que, em vez de oferecer leituras para as crianças, trazem apenas aquelas estranhas listas de palavras e amontoados de frases sem pé nem cabeça.(1992:169)

Fica difícil desta forma, formar bons leitores e escritores, onde cada um consiga interpretar e a se expressar, para que isso vem acontecer é preciso oferecer oportunidades de construções, questionamentos e contatos com boas e verdadeiras leituras.

É interessante e necessário para a criança que o contexto escolar coloque a sua disposição leituras significativas, em que a mesma *possa garantir o significado da língua escrita.* O mundo oferece – nos variados materiais de leitura,os quais poderão ajudar no desenvolvimento da mesma, como rótulos, quadrinhos, anúncios, bulas de

remédio, propaganda, receitas, papéis de bala, letreiros e muitos outros, todas essas formas de leituras propiciam a criança a usar suas hipóteses, criando novos conceitos. A língua escrita tornou – se durante a evolução da sociedade, um meio de acumulação e transmissão de informações e conhecimentos, estabelecendo diferentes funções para a escrita determinando vários gêneros e estilos no meio social.

Cabe a escola saber trabalhar esses diversos materiais que aí estão, para tanto é preciso estimular as crianças, para que sintam prazer na leitura e que vejam nela muito mais do que simples decodificação, é preciso Ter "a idéia de formar leitores e não meros decodificadores" como afirma Cagliari. Nenhuma criança se tornará um verdadeiro leitor se não for incentivada e se não tiver consciência da sua utilidade, fazendo necessário que a mesma no seu cotidiano perceba as influencias da leitura e sobretudo da presença desta em sua vida. Associando os múltiplos e variados tipos de leitura e escrita do mundo com as experiências que a criança tem em relação às mesmas propicia a criança uma aprendizagem significativa, deixando claro que a leitura e a escrita não são exclusivas da escola.

> A leitura de variados tipos de textos, tais como livros de história, cartas, jornais, rótulos de produtos comerciais, anúncios de televisão, placas de rua, etc. será muito útil à criança na construção da sua idéia sobre o que se lê. Isto impedirá de pensar na leitura só em textos escolares e lhe possibilitará a distinguir suportes diferentes a textos diferentes, como sucede na vida corrente[3].

Através das narrativas que as crianças compreendem a linguagem escrita, pois geralmente ouvem histórias, notícias e televisão, meios de comunicação que são freqüentes em sua vida. Ë por meio da observação que as crianças recolhem informações, pois sempre estão atentos às atitudes da família quando anotam recados,

---

[3] GROSSI, Esther Pillar. Didática do Nível Silábico. - p. 63-64 - Porto Alegre: Aplam, 1987.

escreve cartas, compram mercadorias, lêem jornais, revistas ou livros, assim a criança em contato com estes materias, verifica a importância da escrita do mundo e sua diversidade.

O ato de se contar histórias para as crianças, implica na formação de um novo leitor, descobrindo que é capaz de ler, além de permitir a visualização das ilustrações e das letras, o manuseio do livro e as diversas forma de escritas. Essas histórias encaixam – se no mundo da criança com sua linguagem, supera suas expectativas possibilitam a descoberta de significados de novos universos e situações das histórias e fazem suas *leituras.*

O rico universo que se encontra nos jornais torna possível às crianças a interpretação das gravuras e leituras espontânea que serão reproduzidas através das leituras dos adultos, contato com diversos gêneros e formas gráficas e no posicionamento das mesmas, com temas atualizados. Nos textos mencionam -se variados personagens, em diversas situações, lugares, o tempo dos fatos, as causas e conseqüências.

Outras formas de narrativa que as crianças tem contato durante suas brincadeiras são as canções folclóricas, trava- línguas, adivinhações, parlendas e versos, pois encantam a quem recita, não importando o sentido das palavras e sim o ritmo que desencadeia , que vem acompanhado de gestos.

A poesia obedece a uma ordem própria, onde as palavras ganham vida para garantir a organização discursiva em relação a rima, a repetição sonora, a metáfora e ambigüidade.

Frente a esses aspectos de textos que as crianças tem contato é que se estabelecem regras para determinar as relações dos textos em suas estruturas.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

O papel da escola é o de proporcionar o encontro dos aprendizes com os livros de uma forma tal, que esteja em jogo o prazer, a criatividade, a imaginação e o contexto que a literatura possa trazer.

Com base nesta importância atribuída ao livro, a literatura infantil tem um importante papel nas classes de alfabetização, principalmente nas escolas publicas, pois vivemos em uma sociedade desigual onde as disparidades econômicas influenciam em todos os aspectos da vida da pessoa.

As pesquisas de Ferreiro e Teberosky comprovam que quando a escola inicia o processo de alfabetização, partindo das sílabas, consideram que todas as crianças estejam pensando silabicamente. A psicogênese demonstra como é longa a trajetória anterior a hipótese silábica e que depende inicialmente da resposta a questão como: o que é ler e para que se aprende a ler.E Cagliari vem para confirmar :

> A maneira como a escola costuma introduzir os alunos na leitura, através do bê – á – bá, isto é, através das famílias silábicas, pode acarretar problemas sérios para a formação do leitor. O reconhecimento de famílias silábicas, como o próprio reconhecimento das letras, faz parte do processo de decifração e não é leitura propriamente dita. É apenas um estágio inicial da leitura[4].

Estas questões só serão respondidas pelas crianças através de suas vivências com diferentes tipos de leitura. E, isso pode começar desde o berço se o instrumento for a Literatura Infantil.

Hoje vem se discutindo o processo de alfabetização, pois quando a criança entra na escola, ao invés de encontrar um ambiente rico em materiais de leitura e escrita para proporcionar conhecimento, diversão e prazer, deparam – se com uma leitura restrita, carregada de exigência onde não há mais espaço para suas idéias.

> Será que a escola nunca refletiu sobre o que pensa uma criança quando compara as leituras que faz em

[4] CAGLIARI, 1992. op. cit. p. 169.

> casa, de revistas e livrinhos infantis, com a leitura que a escola obriga a fazer?[5]

Com esta visão, a função da escola seria a de proporcionar leitura de todo tipo de material, abrindo um leque de informações, estruturas, formas, criando situações de leitura e escritas significativas, onde a criança possa ter condições de construir hipóteses em relação a escrita, em vez de se preocupar em proibir um ou outro tipo de texto, de enfatizar tanto as formas gramaticais, de determinar leituras com finalidades de cumprir uma tarefa mantendo o aluno distante do livro como se este fosse um objeto sagrado, que não pode ser manipulado, folheado e lido, como se não tivesse nenhuma utilidade.

A leitura é que subsidia a escrita, pois não podemos referir- nos a um assunto se não tivermos conhecimento sobre o mesmo. E se pretendermos formar cidadãos críticos e participativos, desde então faz- se necessário que lhe forneçamos informações e questionamentos. Sabe- se portanto que *a falta de conhecimento silencia muitos.*

O contato constante com estes materiais permite que a criança a diferenciar e classificar os textos. Segundo Teberosky "a criança entra em contato com diferentes estilos de textos, que correspondem a diversas seções de jornal."(1990,109)

Onde a leitura não se restringe a silabação, pois é "um material escrito não elaborado expressamente com intenção didática (...)" (122), passando por textos completos, fotografias com chamadas das matérias, possibilitando a visualização de sinais gráficos representados em diversos tamanhos.

Procurando observar a forma que as crianças conduzem-se na produção de textos deixando transparecer os tipos de leituras que realizam e quais os suportes textuais que norteiam essa atividade, procurei coletar registros espontâneos em várias situações e o que observei na maioria dos casos são textos estruturados conforme os que se

---

[5] CAGLIARI, 1992. op. cit. p. 169.

encontram nas cartilhas, apresentando frases isoladas e sem contexto, comprometendo os aspectos significativos, procurando reproduzir corretamente os sinais gráficos. (anexos)

Aqui se volto a reafirmar que o limitado universo de textos que a escola coloca a disposições das crianças refletem em suas produções, uma vez que neste ambiente a leitura e a escrita não são desenvolvidas em situações funcionais e nem relacionadas á finalidade das mesmas no contexto social. Onde lê-se por ler e escreve-se por escrever, apenas cumprindo com tarefas distribuídas pelo professor.

Durante os intervalos da aula (recreio) ou até mesmo nas horas atividades, na sala dos professores ouvimos comentários a cerca de uma criança que "sabia ler, mas não sabia escrever", ou então, "não copiava as tarefas", o que leva-me a crer que os educadores consideram a alfabetização como um processo constituído por cópias e memorização.

No tocante a leitura é importante que se dê oportunidades a criança o acesso a diversas formas de ler, que não fique presa a textos dos livros didáticos, cabendo aos professores partirem para novas experiências que poderão lhe propiciar crescimento e conseqüentemente também o de seus alunos.

Dentro dessa visão há uma luz no fim do túnel, essa luz, uma tendência revolucionária que o construtivismo, concepção esta formulada por Piaget, e que hoje vem reforçada pelos PCNS, a qual passou a ser utilizada a partir da década de 80, embora já tenha demonstrado resultados positivos, ainda é motivo de insegurança para os professores, em que consiste em um grande desafio, já que por ser uma forma de construção conjunta, professor/aluno, não possui receitas prontas e elimina manual, uma vez que as atividades a serem desenvolvidas vão sendo retiradas do próprio ambiente escolar e do

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

meio social do aluno, onde o professor estará mergulhando num novo modo de conceber e fazer educação.

Já foram feitos grandes avanços gerando o construtivismo pós- piagetiano que incorpora aspectos das teorias de outros pesquisadores, sem que a essência deste conhecimento lhe fosse roubado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho deduz-se que o ato de ler é de fundamental importância para a formação de qualquer indivíduo, em que a leitura deve e necessita ser vista pela escola, não como uma necessidade e sim como um desafio, transformando a criança em leitor crítico e atuante, que saiba refletir e analisar as ideologias e os valores difundidos.

Por isso, é relevante afirmar que é muito importante, para a criança, ter acesso desde cedo a textos completos e significativos, não bastando assim que o processo de alfabetização seja através de apresentações de sílabas, o que leva a criança a ser apenas mera decodificadoras de signos.

Se tivermos como objetivo formar leitores pensantes, é necessário que ofereçamos a criança oportunidades de leituras críticas e reflexivas, podendo ser lidas as entrelinhas e os pontos ocultos dos textos e que as histórias sejam intrigantes e desafiadoras, o que contribuirá para a formação do pensamento crítico.

E, para que isso aconteça faz-se preciso que o professor de língua materna seja leitor efetivo, pois se ele não for , ele nunca conseguirá formar verdadeiros leitores.

Portanto, se o processo de leitura for mecânico, acabará por exercer um efeito contrário ao pretendido. Ao invés de incentivar a busca, aguçar o interesse por novas descobertas, abrir caminhos através de discussões e debate, levar o aluno a se aprofundar, a querer saber mais, interessar-se pela leitura, acabará por afastar cada vez mais, fazendo dela uma obrigação, a qual cumpre sem nenhum interesse nem prazer. Lê por ler, sem ter consciência dessa ação.

A escola deve deixar de acreditar que a leitura é apenas decodificação de sinais gráficos e passar a ver a leitura, na amplitude que a palavra sugere, devendo ser compreendida pela instituição escola como um processo contínuo, que se inicia desde a

Campus Universitário de Pontal e Lacerda - MG
BIBLIOTECA

infância e prolonga pelo resto da vida, ser capaz de conduzir o indivíduo à reflexão e ação. Sendo um processo inacabado e não uma necessidade imediata, mas também como um *alimento da alma*, algo que nos proporcione prazer, que nos acompanhe e nos auxilie tanto na busca de soluções de problemas quanto no lazer. Uma atividade indispensável na vida de qualquer pessoa, uma atividade interna em constante processo de aprimoramento, habilidades estas imprescindíveis para que os sujeitos possam aspirar uma participação mais plena na sociedade.

Não quero aqui dar a perceber que a escola deve ser concebida como a única responsável pela formação de verdadeiros leitores, mas como um meio ao qual temos acesso e que precisa então estar capacitada para desempenhar esse papel.

> Era uma vez um autor (...) que sabia que estudar é muito, muito importante mas que já viveu e viu o bastante para afirmar que ler é mais importante do que estudar.
>
> Ziraldo

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil - Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.(Série pensamento e ação no magistério)

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e Leitura, @ ed. São Paulo, Cortez,1990. Col. Magistério 2 Grau

CADEMARTORI, Lígia. O que é Literatura Infantil. São Paulo, Brasiliense, 1987 (Col. primeiros passos)

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & Lingüística. São Paulo, Scipione,1989 (Série Pensamento e ação no Magistério)

FERREIRO, Emília e Teberosky, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre, Artes médicas, 1986

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 24 ed. São Paulo, Cortez,1995 (Col. Questões da nossa época)

FULGÊNCIO, Lúcia e Liberato yara. A leitura na escola. São Paulo: Contexto, 1996. (Repensando o ensino)

GROSSI, Esther Pillar. Didática do Nível Silábico. Porto Alegre, Aplam, 1987.

_____, Didática do Nível Alfabético. Porto Alegre, Aplam, 1987.

_____, Didática do Nível pré silábico. Rio de Janeiro, Paz e terra,1990.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: Zilberman, M. (org.) Leitura em crise a escola: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, !988.

LOPEZ, Josiane, apud. Jean Piaget, a lógica própria da criança como base do ensino. Revista Nova Escola. p.8 –15. São Paulo, agosto 1996.

_____, Josiane, apud. vigotsky, O teórico Social da Inteligência. Revista Nova Escola. p.33- 38. São Paulo, dezembro 1996.

MARTINS, Maria Helena. O que é Leitura 11. ed. São Paulo, Brasiliense 1989. Col. Primeiros Passos

MOLL Jaqueline. Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprende. Porto Alegre Alegre: Mediação, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e leitura. 3 ed.- São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996. (Col. passando a limpo).

PINO, A, O conceito de mediação Semiótica em Vigotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. In.: CADERNO CEDES, 24, pág 32 – 43, Campinas SP. Papirus, 1991.

ROSIMAR. apud. Paulo Freire. O mundo é uma classe de alfabetização. Revista Chamada a ação. p. 41- 45. São Paulo

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na Escola e na Biblioteca. Campinas São Paulo, Papirus, 1986

SALTO PARA O FUTURO: Reflexões sobre a educação no próximo milênio / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Deporto, SEED, 1998.

SCOZ Beatriz Judith Lima. Psicopedagogia _ O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional . Porto Alegre: Artes Médicas, !987.

TEBEROSKY, Ana & TOLCHINSKY Liliana. Além da Alfabetização. São Paulo. Série Fundamentos,1997

TEBEROSKY, Ana. O conhecimento cotidiano, escolar e ciêntifico no domínio da linguagem escrita. In:Rodrigo, Maria José e Arnay, José (org.) São Paulo: Atica, 1998.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

TOLCHINSKY, Liliana. Construtivismo em educação: Consensos e disjuntivas.In Rodrigo, Maria José e Arnay, José (org.) Domínio do conhecimento, prática educativa e formação de professores. São Paulo: Atica 1998.

ZILBERMAM, Regina e outros. Leitura em crise na escola, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988

ZIRALDO. Uma Professora Muito Maluquinha 2 ed. São Paulo, Melhoramentos,1993

ANEXOS

Data: 04 de novembro 1997

A galinha.

A galinha pintadinha
E o galo carijó
A galinha vestesaia
E o galo paletó
A galinha ficou doente
E o galo nem se importou
O pintinho que era inteligente
Foi logo chamar o doutor
O doutor era o peru
A enfermeira era o tatu
E a agulha da injeção
Era a pena do pavão
— Senhor doutor, o remédio não
adiantou
Quando foi a meia noite
A galinha se espichou.

Data: 04 de novembro de 1999

A galinha

A galinha pintadinha
E galo carijó
A galinha veste saia
E o galo paletó
A galinha ficou doente
E o galo nem se toca
O pintinho que era inteligente
Foi logo chamaro doutor
O doutor era o peru
A enfermeira era a tatu
E a agulha da injeção
Era a pena do pavão
[illegible] o doutor [illegible] o avião
Quando foi a meia noite
A galinha se espichou

a – Qual é o nome do texto
A galinha

b – O que a galinha vestia?
saia

c – Quem era o doutor?
peru

[illegible]

[illegible] o doutor?
pintinho

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

a Raul é o nome do filho?
a [illegible] é

O que a galinha vestiu?
saia
O Quem usa e dentes
peru
Quem chamou e dentes
O pintinha

galinha = ga-li-nha
gato = ga-to
peru = pe-ru
carijó = ca-ri-jó
pena = pe-na
pintinha pin-ti-nha

rosa = A rosa é da mamãe

peru = O peru come carne

periquito = O periquito tem asa

carro = A carro é de papai

carro O carro é de papai

Campus Universitário de Tupã e Lacerda - MG
BIBLIOTECA

Jéssica:



próxi

está - escada - escova -

escada - estudo - estava

quati - quarenta - quase -

quati - quarenta - quase

quati - quarenta - quase

quati - quarenta - quase

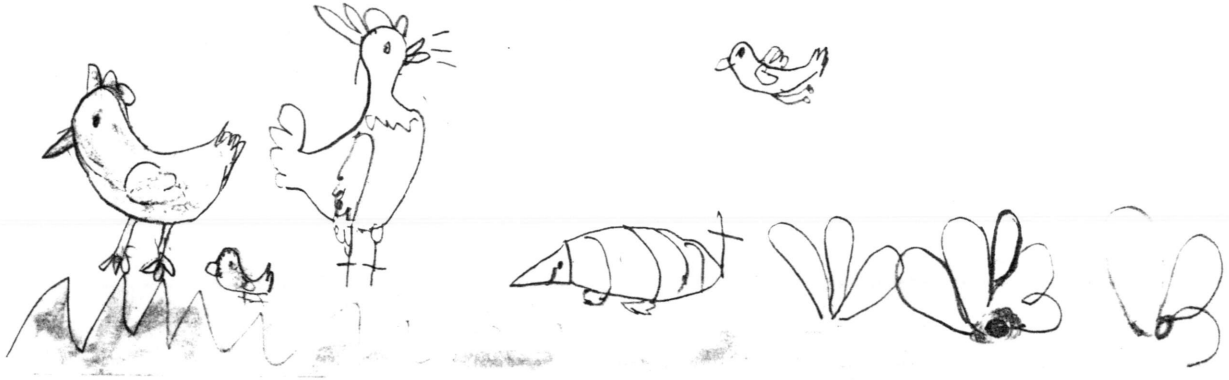
quati - quarenta - quase

quati - quarenta - quase

quati - quarenta - quase

Sergio

A galinha ficou doente e o gato contou a tarefa
O pintinho foi chamar o doutor
O doutor deu uma lição e rolio noite
A galinha sobreviveu



A galinha é bonita
ela é muito assanhada
ela tem um pintinho
ele é muito esperto
é delicioso é bonito
a galinha gosta de
pintinho a galinha
fica doente eles saram

UNEMAT
Pontes e Lacerda - MT